

HÁBITOS ALIMENTARES DE CRIANÇAS AUTISTAS NO MUNICÍPIO DE ARAPONGAS-PR

PELEGRINI, F.¹; LOURIVAL, N. B. S².

RESUMO

Objetivo: Investigar os hábitos alimentares de crianças autistas. **Método:** Pesquisa descritiva, quantitativo, qualitativo e transversal. **Resultado:** A maioria dos avaliados apresentou grande consumo de carboidratos, frituras, açúcares, doces e ingestão insuficiente de verduras, legumes e frutas. **Conclusão:** Crianças com Transtorno do Espectro Autista tendem a ter uma alimentação altamente seletiva, possuindo o hábito de consumir apenas determinados alimentos dos grupos alimentares o que conduz a um inadequado aporte energético nutricional, sintomas gastrointestinais e deficiências de micronutrientes.

Palavras-chave: Autismo. Nutrição. Dietoterapia.

ABSTRACT

Objective: To investigate the eating habits of autistic children. **Method:** Descriptive, quantitative, qualitative and cross-sectional research. **Result:** The majority of those evaluated had a high consumption of carbohydrates, fried foods, sugars, sweets and insufficient intake of vegetables, legumes and fruits. **Conclusion:** Children with Autism Spectrum Disorder tend to have a highly selective diet, having the habit of consuming only certain foods from the food groups which leads to an inadequate nutritional energy supply, gastrointestinal symptoms and micronutrient deficiencies.

Keywords: Autism. Nutrition. Diet therapy.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é composto por várias condições heterogêneas que afetam o desenvolvimento neurológico caracterizados por deficiências na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos (GOMES,

¹ Francelise Pelegrini. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Nutrição da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – PR. 2020. E-mail: francelise.pelegrini@gmail.com

² Natália Brandão dos Santos Lourival. Orientadora da pesquisa. Docente Especialista em Nutrição Clínica do Curso de Bacharelado em Nutrição da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – PR. 2020. E-mail: natybrandao@gmail.com

2014). Sendo que essas alterações levam a dificuldades adaptativas podendo ser percebidas, em alguns casos, já nos primeiros meses de vida (ABRA, 2011). Sua etiologia é complexa e desconhecida, porém sabe-se que tanto os fatores genéticos quanto os ambientais estão envolvidos (GHALICHI et al., 2016). Assim, o autismo é de difícil tratamento, pois não há um método farmacológico específico para este distúrbio (ALVES, 2017).

Além das características marcantes percebidas há, também, uma série de desordens alimentares que podem acometer os autistas que vão desde aversão, seletividade e recusa total de determinados alimentos. Logo, estes comportamentos restritivos têm papel importante na seletividade dietética, pois levam a limitação da variedade de alimentos, bem como não aceitação de novos alimentos, o que pode gerar inadequação alimentar, sintomas gastrointestinais, carências nutricionais e até desnutrição calórico-proteica (GURGEL; CAETANO, 2018).

Portanto, identificar hábitos alimentares dessa população pode contribuir para melhoria dos sintomas gastrointestinais e, conseqüentemente, para qualidade de vida e estado nutricional.

OBJETIVO

Investigar os hábitos alimentares de crianças autistas.

MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa descritiva, transversal, quantitativa e qualitativa realizada com crianças autistas do Grupo de Mães e Amigos dos Autistas de Arapongas – AMAAAR. Foram selecionadas crianças autistas entre 05 à 10 anos de idade, de ambos os sexos, tendo como critérios de inclusão crianças autistas, de ambos os sexos, pertencentes ao Grupo de Mães e que estiveram online no dia da coleta dos dados, cujo pai e/ou responsável legal aceitaram a responder o questionário da pesquisa concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os critérios de exclusão se basearam-se naquelas que apresentaram doença crônica não transmissível, acamadas e as que já fazem acompanhamento nutricional.

A pesquisa foi feita de forma online, sendo enviada por aplicativo de mensagens via celular para os participantes. Os dados foram coletados através de um questionário online, elaborado pelo Google *Forms*, o qual continha questões fechadas

e abertas acerca dos hábitos alimentares. Assim, foram tabulados em gráficos e tabelas, assim como avaliados de forma descrita, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT para melhor compreensão dos resultados. Para isso foram utilizados os programas Microsoft Excel 2010 ® e Word 2010 ®.

Ressalta-se que para a realização da pesquisa se fez necessário aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Apucarana (CETi – FAP), Parecer nº. 4.185.783, CAAE 33351720.9.0000.5216 após autorização institucional da Presidente do Grupo de Mães e Amigos dos Autistas de Arapongas – AMAAAR, Eloíse Hollandine.

RESULTADO

Participaram da pesquisa vinte e quatro (n=24) crianças autistas, de 5 à 10 anos idade, em fase escolar, sendo 20 meninos e 4 meninas e ficou evidenciado através dos resultados obtidos que o estado nutricional dessas crianças encontra-se comprometido, uma vez que a alimentação é restrita possivelmente pela seletividade e recusa a determinados alimentos resultando na ingestão, geralmente, de carboidratos, de alimentos ricos em açúcar, processados, ultraprocessados e grande aversão a frutas, legumes e verduras (ANDRADE, 2002).

Corroborando com as recomendações do Guia Alimentar, diferentes estudos sobre o consumo de alimentos (CLARO et al., 2016; LOUZADA et al., 2015; MALTA et al., 2016) têm apontado para uma prevalência crescente de consumo de alimentos ultraprocessados. Tais alimentos possuem alta densidade energética, maior preço por caloria, baixa qualidade nutricional e são considerados fatores de risco para o sobrepeso/obesidade e outras Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT).

Crianças autistas possuem dificuldade para o novo inclusive para a inclusão de novos alimentos na sua rotina diária. A tentativa dos pais/ou responsáveis em incluir novos alimentos para esse perfil de criança pode provocar uma perda de controle da mesma, o que causa receio no momento da inserção de novos alimentos durante as refeições (ORRU, 2012). Além das características metabólicas próprias do autismo os indivíduos pesquisados apresentaram ainda disbiose e alterações na permeabilidade intestinal colaborando para sintomas gastrointestinais o que pode levar a déficits nas necessidades nutricionais, em especial de vitaminas e minerais, os quais são de importância primordial nesta fase da vida (SCHMIDT, 2017).

Por isso, o nutricionista é fundamental para atendimento a criança com TEA, a fim de orientar da melhor maneira as questões alimentares desenvolvidas por elas. Então, o nutricionista deve encorajar os pais a incluírem na sua rotina diária alimentos saudáveis em substituição aos ultraprocessados, os quais, além de estarem associados a presença de excesso de peso tem impacto significativo na saúde geral da criança (ALMEIDA et al., 2018).

CONCLUSÃO

Percebeu-se que crianças com TEA tendem a ter uma alimentação altamente seletiva possuindo o hábito de consumir apenas determinados alimentos dos grupos alimentares, em especial, carboidratos e ultraprocessados em geral causando possivelmente riscos nutricionais. A pesquisa demonstrou, ainda, a presença de sintomas gastrointestinais nos indivíduos pesquisados, que muito provavelmente esteja ligado a alimentação monótona e sem variedade de grupos alimentares. Assim, diante da complexidade da temática desenvolvida nesse estudo e da maior possibilidade dessas crianças apresentarem desvios nutricionais é essencial o acompanhamento nutricional para diagnóstico e prevenção desses desvios.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tânia Patrícia Correia. Dieta sem glúten e sem caseína e suplementação de ômega-3 como terapêutica nutricional no autismo. 1.º Ciclo em ciências da nutrição. **Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto**. Porto, 2017.

ABRA. Associação Brasileira de Autismo. **Cartilha dos Direitos das Pessoas com Autismo**, 1. ed., mar., 2011.

ANDRADE, Tarsila de Magalhães; MORAES, Denise Ely Bellotto de; CAMPOS, Alba Lúcia Reyes de; LOPEZ, Fábio Ancona. Crianças que não comem: Um estudo psicológico da queixa materna. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 20, n. 1, 2002.
CLARO, Rafael Moreira; MAIA, Emanuella Gomes; COSTA, Bruna Vieira de Lima; DINIZ, Danielle Pereira. Preço dos alimentos no Brasil: prefira preparações culinárias a alimentos ultraprocessados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, n. 8, 2016.

ALMEIDA, Ana Karla de Araújo; FONSECA, Poliana Cristina de Almeida; OLIVEIRA, Leila Alves; SANTOS, Wyllyane Rayana Chaves Carvalho; ZAGMIGNAN, Adrielle; OLIVEIRA, Bianca Rodrigues de; LIMA, Virgínia Nunes; CARVALHO, Carolina Abreu de. Consumo de ultraprocessados e estado nutricional de crianças com transtorno

do espectro do autismo. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 3, p. 1-10, 2018.

GOMES, Marina. Biologia do autismo. **Ciência e Cultura**, vol. 66, n. 1, 2014.

Disponível em: <

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000100004>. Acesso em: 12 mar. 2020.

GURGEL, Daniel Cordeiro; CAETANO, Maria Vanuza. Perfil nutricional de crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 1, p. 1-11, 2018.

GHALICHI, Faezeh; GHAEMMAGHAMI, Jamal; MALEK, Ayyoub; OSTADRAHIMI, Alireza. Effect of gluten free diet on gastrointestinal and behavioral indices for children with autism spectrum disorders: a randomized clinical trial. **World Journal of Pediatrics**, v. 12, n. 4, p. 436-442, 2016.

LOUZADA, Maria Laura da Costa; et al. Impact of ultra-processed foods on micronutrient content in the Brazilian diet. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, 2015.
MALTA, Deborah Carvalho; SANTOS, Maria Aline Siqueira; ANDRADE, Silvania Suely Caribé de Araújo; OLIVEIRA, Taís Porto; STOPA, Sheila Rizzato; OLIVEIRA, Max Moura de; JAIME, Patrícia. Tendência temporal dos indicadores de excesso de peso em adultos nas capitais brasileiras, 2006- 2013. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 21, n. 4, p. 1061-1069, 2016.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SCHMIDT, Carlo. Transtorno do Espectro Autista: onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 2, 2017.